

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA – 1ª Parte

Tendo passado "algum tempo" em Antioquia, provavelmente no ano 54dC, Paulo parte para outra viagem missionária. Nada é dito sobre seus companheiros nesta ocasião. Ele percorreu novamente a rota inicial da segunda viagem através das províncias da Galácia e da Frígia. Ele foi às igrejas, uma após outra, que tinha sido estabelecidas anteriormente (Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Psídia), confirmando a todos os discípulos" (At 18.23) e também dando instruções para a coleta em favor dos santos pobres em Jerusalém (1 Co 16.1-2).

Apolo prega em Éfeso e na Acaia (At 18.24-28)

Enquanto Paulo seguia seu caminho pela Galácia e Frígia, um judeu chamado Apolo, natural da cidade de Alexandria do Egito, veio a Éfeso. Ele era, segundo o relato de Atos, poderoso nas escrituras (At 18.24).

Ensinado sobre o Senhor, compartilhava sua fé, discutindo e ensinando fielmente as coisas que tinha aprendido. Mas havia um problema: Apolo sabia sobre Jesus somente as coisas que estavam ligadas ao ensino de João Batista.

Aparentemente, Apolo foi instruído por um dos discípulos de João Batista, um que sabia que João havia mostrado aos seus próprios discípulos o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Mas Apolo não aprendera sobre a morte sacrificial de Jesus, sua ressurreição, sua ascensão e seu domínio sobre todas as coisas.

Apolo, como bom judeu, começou a discutir ousadamente na sinagoga de Éfeso. Priscila e Áquila, após ouvirem a fala de Apolo, o chamaram à parte e ensinaram-lhe os fatos adicionais sobre Jesus.

Depois de algum tempo, Apolo decidiu ir para a Acaia. Nesta oportunidade, os irmãos de Éfeso o encorajaram e escreveram uma carta de apresentação aos discípulos da Acaia (At 18.27). Quando lá chegou, ajudou muito aqueles que tinham crido, porque ele refutava poderosamente os argumentos dos judeus diante de todos, mostrando pelas escrituras que Jesus era o Messias.

Paulo chega a Éfeso (At 19.1-20)

Nesta época, Éfeso era a maior cidade da Ásia Menor e a capital da província. A cidade era conhecida principalmente por ser "guardiã do templo" da deusa Diana (At 19.35). Este templo estava entre as sete maravilhas do mundo. Tinha 130m de comprimento por 66m de largura, 127 colunas que suportavam a cobertura, cada uma com 18m de altura, e era feito com o mais puro mármore.

Sabemos que já existia uma igreja em Éfeso, quando Paulo retornou aqui no começo da terceira viagem. A igreja era o resultado da breve estada anterior de Paulo (At 18.18-21) e do trabalho de Priscila e Áquila, companheiros de Paulo na segunda viagem.

Por esta altura, Apolo já tinha partido para Corinto (capital da Acaia), mas ainda havia em Éfeso outros discípulos que só conheciam o batismo (os ensinamentos) de João Batista.

O batismo de João Batista requeria o arrependimento, mas não a separação da sinagoga judaica. O Evangelho ensina que o cristianismo é fundamentado na morte e ressurreição de Jesus. O batismo cristão é um símbolo significativo e expressivo dessas verdades. *"Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos."* (Cl 2.12) Como esses homens eram inteiramente ignorantes sobre as verdades fundamentais do cristianismo, supomos que eles nunca tinham se misturado com cristãos.

O apóstolo Paulo, então, explicou para eles sobre a eficácia da morte e ressurreição de Cristo e sobre a descida do Espírito Santo. Eles creram na verdade e receberam o batismo cristão. Então Paulo, por sua capacitação apostólica, impôs suas mãos sobre eles, e eles foram selados com o Espírito Santo, *"e falavam línguas, e profetizavam"* (At 19.6), à semelhança do evento ocorrido no dia de Pentecostes (At. 2.1-21).

Imediatamente após a menção desse importante acontecimento, nossa atenção é direcionada às obras do apóstolo na sinagoga. Durante três meses ele pregou a Cristo ousadamente lá, disputando e persuadindo seus ouvintes *"acerca do reino de Deus."* (At 19.8). Os corações de alguns *"se endureceram"*, enquanto outros se arrependeram e creram; mas enquanto muitos dos judeus tomaram o lugar dos adversários, e *"falaram mal do Caminho perante a multidão"* (At 19.9), Paulo age da forma mais definitiva possível. Ele *"separou os discípulos"* da sinagoga judaica e deles formou uma nova assembleia, se reunindo com eles *"diariamente na escola de um certo Tirano"* (At. 19.9). Este é um ato profundamente interessante e instrutivo por parte do apóstolo, mas ele age conscientemente no poder e na verdade de Deus. A igreja em Éfeso é agora perfeitamente distinta, tanto em relação aos judeus quanto em relação aos gentios. Aqui vemos ao que o apóstolo, em outro lugar, se refere em sua exortação: *"Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus."* (1 Co. 10.32). Onde esta importante distinção não é vista haverá grande confusão de pensamento tanto quanto à Palavra quanto aos caminhos de Deus.

O apóstolo agora aparece como o instrumento do poder de Deus de forma notável e marcante. Ele comunica o Espírito Santo aos discípulos, separa os discípulos de Jesus e formalmente funda a igreja em Éfeso. Seu testemunho ao Senhor Jesus é ouvido em toda a Ásia, tanto pelos judeus quanto pelos gregos; milagres extraordinários são operados por suas mãos e enfermidades fugiam de muitos apenas ao tocar a borda de suas roupas – lenços e aventais de Paulo eram levados a doentes que eram curados e os demônios expelidos. O poder do inimigo desaparece diante do poder que está em Paulo; as consciências dos pagãos são alcançadas, e o domínio do inimigo sobre eles se vai. O medo caiu sobre muitos que *"seguiam artes mágicas"*, e eles mesmos queimaram seus livros de magia que, no total, custariam hoje em dia cerca de R\$1.300.000,00. *"Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia."* (At. 19.20). Assim o poder do Senhor foi

demonstrado na pessoa e na missão de Paulo, e seu apostolado estabelecido de forma inquestionável.

Outra consequência do ministério de Paulo naquela cidade foi a confissão pública de pecados: "Muitos dos que creram vinham, e confessavam e declaravam abertamente suas más obras." (At 19.18).

A confissão pública de pecados é um evento geralmente associado a avivamentos provocados por Deus. A manifestação da graça de Deus é tão grande no meio da congregação que os crentes se sentem no dever de confessar publicamente e abandonar seus erros. Ao nos separarmos da igreja católica romana, querendo fugir da confissão (ao padre), como forma de absolvição de pecados, a confissão de pecados entre crentes foi praticamente abandonada. Acho que este é um erro nosso! Tiago, ao escrever sua carta, instrui os crentes a confessarem seus pecados e orarem uns pelos outros para serem curados (Tg 5.16). Algumas vezes, somente a confissão comunitária e oração comunitária vai nos curar de certas práticas pecaminosas...

O apóstolo havia agora passado cerca de três anos de incessante trabalho em Éfeso. E ele mesmo diz, ao se dirigir aos anciãos em Mileto: *"Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós."* (At 20.31). É também suposto que, durante este período, ele tenha feito uma rápida visita e tenha escrito a primeira epístola aos Coríntios.

Acontece um tumulto em Éfeso (At 19.21-41)

Um grande e abençoado trabalho tinha sido cumprido pelo Espírito de Deus, por meio de seu servo escolhido, Paulo. O Evangelho tinha sido pregado na capital da Ásia e tinha sido espalhado por toda a província. O apóstolo agora sentia que seu trabalho tinha terminado ali, e planejava ir até Roma, a capital do Ocidente e metrópole do mundo. A Grécia e a Macedônia já tinham recebido o evangelho, mas ainda faltava Roma. *"E, cumpridas estas coisas, Paulo propôs, em espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, dizendo: Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma."* (At 19.21). De acordo com 1 Co 16.8, ele pretendia ficar em Éfeso até o Pentecostes.

Sabemos pelas duas cartas aos Coríntios e pela carta aos Romanos que o objetivo de Paulo com a viagem para Jerusalém era levar ofertas das congregações predominantemente gentias, que Paulo tinha estabelecido, para os crentes pobres de Jerusalém (Rm 15.25-26; 1 Co 16.1-3).

Paulo, então, enviou dois dos seus companheiros, Timóteo e Erasto, na frente dele à Macedônia, enquanto ele mesmo permanecia na Ásia um pouco mais. Estes irmãos, além de verificarem o bem-estar das igrejas da Macedônia, provavelmente contaram às igrejas a respeito da oferta planejada. Paulo esperava, ainda, que Timóteo fizesse seu caminho para o sul até Corinto, depois de algum tempo na Macedônia (1 Co 16.10). Alguém também foi enviado às congregações gálatas para falar-lhes sobre esta oferta, ainda que nenhum nome tenha sido indicado (1 Co 16.1).

Mas enquanto Paulo fazia os arranjos para a próxima viagem, o inimigo planejava um novo ataque. Seus recursos ainda não tinham sido esgotados.

Demétrio, um ourives que fazia miniaturas de prata do templo de Ártemis, convocou uma reunião com todos os seus colegas de profissão.

Demétrio e seus colegas de profissão levantaram o clamor de que não somente a profissão deles corria perigo, como também que o templo da grande deusa Diana corria o risco de ser desprezado. Quando a multidão ouviu essas coisas, se encheu de raiva e gritaram, dizendo: "*Grande é a Diana dos efésios.*" (At 19.28). Um grande tumulto começou. Todos os que estavam nas ruas correram juntos para o teatro, levando Gaio e Aristarco, macedônios que acompanhavam Paulo na viagem. Certamente estes homens estavam em grande perigo!

Aqui, fazemos um breve comentário: note que Paulo vai sempre agregando novas pessoas nas equipes missionárias, fornecendo-lhes treinamento e dando-lhe incumbências. Agora, além de Timóteo, Priscila e Áquila, surgem Erasto, Aristarco e Gaio. Antes, já haviam viajado com ele Silas, Barnabé, João Marcos, Lucas.

Paulo achou que precisava entrar no teatro para falar ao povo, mas os discípulos não o permitiram e autoridades da província lhe mandaram recado recomendando que não fosse.

Prevalecia o pandemônio: enquanto um da multidão gritava uma coisa, outros berravam outra. Muitos na multidão nem mesmo sabiam o motivo de tamanha reunião. Os judeus tentaram fazer com que a multidão ouvisse Alexandre, um porta-voz deles. Ele levantou sua mão pedindo atenção, mas quando o povo percebeu que se tratava de um judeu, todos gritaram juntos durante quase duas horas: "Grande é a a Diana dos efésios!".

Depois de um bom tempo, o escrivão da cidade veio para falar com o povo. Quanto conseguiu ser ouvido, disse:

"féssios, quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e da sua imagem que caiu do céu? Portanto, visto que estes fatos são inegáveis, acalmem-se e não façam nada precipitadamente. Vocês trouxeram estes homens aqui, embora eles não tenham roubado templos nem blasfemado contra a nossa deusa. Se Demétrio e seus companheiros de profissão têm alguma queixa contra alguém, os tribunais estão abertos, e há procônsules. Eles que apresentem suas queixas ali. Se há mais alguma coisa que vocês desejam apresentar, isso será decidido em assembléia, conforme a lei. Da maneira como está, corremos o perigo de sermos acusados de perturbar a ordem pública por causa dos acontecimentos de hoje. Nesse caso, não seríamos capazes de justificar este tumulto, visto que não há razão para tal". (At 19.35-40).

Tendo dito estas coisas, ele despediu a multidão. Felizmente, o escrivão da cidade era um homem de grande tato e admirável política. Ele acalmou e dissolveu a aglomeração. Mas, para a fé, era Deus usando a eloquência persuasiva de um oficial pagão para proteger seus servos.